



## A IMIGRAÇÃO FRANCESA NO RIO GRANDE DO SUL (SÉC. XIX)

Caroline Rippe de Mello Klein<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho foi feito em parceria com o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e a professora Dra. Elizabeth Torresini. O presente trabalho apresenta alguns fragmentos sobre a política de contribuição da colonização entre Brasil e países da Europa, especificamente o artigo aborda o caso dos franceses que vieram através de iniciativas estatais para o Rio Grande do Sul e seus encaminhamentos, as análises se pautam principalmente no período final do II Império. A pesquisa versa sobre a instalação desses imigrantes no interior do RS e suas dificuldades de adaptação ao local, culminando em sua retirada e retorno à França.

**Palavras-chave:** França; Imigração; Império; Brasil.

Segundo os relatórios do Presidente da Província João Lins Vieira Cansansão havia dois sistemas de colonização no Império, o primeiro era fundado no princípio da parceria, onde os proprietários de terras contratavam e transportavam os colonos para trabalharem nas suas fazendas, e dividir o produto da propriedade em certa proporção entre o colono e o proprietário, esse sistema fora iniciado pelo Senador Vergueiro na Província de São Paulo. Já o outro sistema consistia em pequenas propriedades, ou aquele pelo qual o colono adquirindo terras, ao se instalar nelas, as cultivava por sua conta, sendo esse o plano um plano federal.

O Estado se comprometia a fornecer subsídios aos colonos para se fixarem aqui no Brasil, incluindo desde pagar as passagens dos colonos ao pagamento de um salário variante conforme o colono permanecia em seu lote de terra. Porém sabe-se que principalmente as medidas fiscais de pagamentos aos colonos não foram feitas, o que ocasionou certo repúdio dos países europeus para com o Brasil, incluindo Alemanha e França, chegando a França em 1876 proibir a vinda de imigrantes, sob a alegação de que as políticas de hospitalidade nada tem de reais.

Porém “desde 1850, o Presidente da Província declara que a colonização espontânea é a melhor: assegura a moralidade e a ordem nas colônias, entrada de capitais e economia para o governo” (ROCHE, 1969: 105 p.). Essa mesma idéia se encontra nos relatórios de 1859, 1861, 1866 e 1869. De fato, no início do século XIX vieram muitos imigrantes ao Brasil

<sup>1</sup> Mestra pela Unisinos e Museóloga pela UFRGS. Artigo confeccionado referente ao grupo de pesquisas da Profa. Elizabeth Torresini da PUCRS sobre imigração do RS. Email: [carolinerippe@hotmail.com](mailto:carolinerippe@hotmail.com).

de forma espontânea, tais como os irmãos Brouchier - que serão tratados adiante no artigo, João Baptista Beranger – comerciante de 54 anos, Joaquim Reigneis – negociante de 27 anos, João Jon Bedosin – Alfaiate de 38 anos e Carlos Henrique – negociante de 38 anos.

No início do século XIX, ao que parece, “o primeiro francês, a tratar do RS, embora não o visitasse pessoalmente, foi Ferdinand Denis, que em 1822, publicava em Paris sua obra *Le Brésil [...]* com colaboração de Hippolite Taunay”.<sup>2</sup> Porém o primeiro a vir ao sul foi August Saint Hillaire em 1820-21, que realizou vários estudos historiográficos sobre a região, além de outro francês Aimé Jacques Goujard, onde suas obras foram aproveitadas pelo cônego João Pedro Gay.

Sabe-se que muitos franceses vieram ao Rio Grande do Sul de forma espontânea, muitos antes de 1870, sem auxílio estatal ou de empresas privadas, como é o caso do casal Jacques Blum e Amélie Moise Blum, que partiram da França por conta própria, Jacques era joalheiro natural de Alsácia e D. Amélie de Lorena, consta que chegaram à Bagé após ter nascido seu filho Emílio em 1861. Há casos de franceses em Pelotas também, que sua vinda provocou um avanço no comércio e na indústria, tais como Edmundo Berchon Desessard, um francês de origem de Gédeon, que possuía um latifúndio na região, outra família que se instalou no local foi a Gastal, que possuía uma tradição artística e odontológica.

Muitos imigrantes tiveram destaque na época da Revolução Farroupilha em 1835, dentre eles jornalistas que se engajaram na causa revolucionária ou a condenavam, é o caso de Dubreuil, um liberal com tendências republicanas e Girard, um monarquista radical que sofreu uma morte trágica. Todos esses monarquistas e liberais franceses escreviam em jornais como o *Diário de Pôrto Alegre* e o *Sentinaça da Liberdade*, com influências de Cipriano Barata. Após esse período muitos franceses inspirados na revolução francesa, foram presos e enviados devolta a sua nação.

Nos relatórios de João Pedro Carvalho de Moraes, em 1873 se vê que a população de Conde d’Eu e D. Izabel, atual Bento Gonçalves, inicialmente foram povoadas por franceses, pois havia um projeto do Império para que aquela área se tornasse tipicamente “francesa”. Sendo que em 1873, o governo provincial obriga os colonos a colonizar suas terras, com o intuito de ligar Conde d’Eu ao Maratá, uma colônia povoada por alemães, para criar meio de viação animal para facilitar a comunicação com São João de Montenegro e os campos de Vacaria, pois nas palavras do responsável pelas colônias: “*realizada* essa idéia, mesmo em parte, posso garantir à V. Ex um brilhante futuro para a colonia de Conde d’Eu e a sua salvação do marasmo á que parece *condemnada*”<sup>3</sup>. Logo, a colônia de Conde d’Eu fica aos encargos de José Antonio Rodrigues Rasteiro, sendo contrata a empresa Caetano Pinto e

<sup>2</sup> OS FRANCESES. IN: *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Regional, 1956-1958. v.5, p. 180-181.

<sup>3</sup> *Relatório de João Pedro Carvalho de Moraes*. Porto Alegre: Typographia Rio-Grandense, 1873. 04 p. Datilografado.

Irmão Holtzweissig & C, para trazer e estabelecer esses futuros colonos, em suas devidas terras. O transporte desses colonos para Conde d'eu, D. Izabel e Alfredo Chaves sempre se fez por São João de Montenegro e São Sebastião, no Cahy:

Chegado que seja esse imigrante a esta capital, é logo transportado em vapor até Estrella, onde ficarão os que destinarem á colonia Conde d'Eu, cuja séde dista apenas sete leguas dessa *villa*; os que procuram D. Izabel, seguirão em lanchas até a povoação Thereza, que também se acha a sete leguas da séde D. Izabel; e , finalmente os que forem para Alfredo Chaves continuarão nas mesmas lanchas até Santa Barbara, no Carreiro em cuja margem esquerda demora essa colonia, sendo de seis horas a média da viagem aos pontos mais remotos da sua parte ocidental.<sup>4</sup>

A produção alimentícia das colônias onde se estabeleceram franceses é massiva na questão dos grãos, principalmente o trigo, produto muito cultivado na França inclusive. As produções de grãos em 1885 chegam até mesmo a superar a de Caxias, portanto como no *Relatório de Joaquim Jacintho de Mendonça*, o governo deveria construir moinhos nessas cidades em vista da produção local.

Cidade	Trigo	Centeio	Aveia	Feijão	Milho	Cevada	Arroz	Vinho
Caxias	20740	10820	8920	27731	56070	-	-	6262
D.Izabel	25284	24221	-	30367	52777	6497	755	10168
Conde d'Eu	15209	25680	-	28473	62718	4680	647	6115

**Tabela 1: Produção de grãos em 1885, em valores de sacos de 60K.**

Os índices populacionais de franceses provenientes da Europa são muito variáveis conforme a faixa etária e as cidades de proveniência, vide a tabela abaixo. O que é sabido é que poucos se naturalizaram brasileiros, porque muitos franceses que vinham para o Brasil preferiam manter sua nacionalidade européia, sendo que nos *Termos de juramentos de estrangeiros naturalizados de 1871 a 1885*, somente quatro franceses se naturalizaram brasileiros – Domingos Rache em 1872, Baiard Máximo Mercun, em 1883, Emílio Simonet, em 1883 e Emílio Armando Henrique Schnoor, em 1881. E, inclusive em 1887, apenas 1 francês se naturalizou brasileiro, sendo que em torno de 31 franceses se estabeleceram em localidades distintas do RS.

<sup>4</sup> *Relatório Jacintho de Mendonça*. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1877. 81 p. Datilografado.

Ano	Local	População Total	Franceses
1873	Nova Petrópolis	1.238	23
1873	Santo Ângelo	1.862	9
1875	Santo Ângelo	1.969	9
1874	D. Izabel	-	48
1876	Santo ângelo	2.048	9
1876	São Feliciano	167	147
1876	Nova Petrópolis	1.469	23

**Tabela 2: Relação de colonos franceses nos anos de 1873-1876, comparado a população local da cidade em questão.**

Em 1873 dos 1.866 imigrantes, 174 eram franceses, e desde 1866, 1.607 imigrantes vieram por conta do contrato celebrado com Caetano Pinto e Irmão Holtzweissig e Cia, já por conta do governo imperial 259. Sendo que no total, 134 colonos franceses em 1873 entraram na província. Consta na repartição de terras públicas, entre os anos de 1859 a 1875 entraram na província 12.563 colonos, sendo 648 franceses. Em 1887 estabeleceram-se em Porto Alegre 5 franceses, 21 em Rio grande, 3 em Pelotas, 4 em Silveira Martins, 1 em Caxias e 1 em Santo Ângelo.

Com a insatisfação dos colonos com a política migratória imperial, que não fornecia as promessas feitas aos mesmos, alguns países, em especial a França em 1876, passou a proibir a imigração ao Brasil, por isso o império decide deixar o caso confiado às empresas de imigração.

No registro geral de colonos do contrato de Caetano Pinto e Irmãos, e Holtzweissig & Cia de 1872-1873, no dia 6 de Junho de 1873 houve uma grande leva de colonos trazida ao Brasil por essa empresa. Pois segundo o contrato celebrado de Caetano Pinto para com o governo imperial, estava estipulado que no prazo de 10 anos, a empresa seria reponsável por trazer 40 mil colonos às província, sendo que dentre esses deverão ser 3 classes: industriosos, jornaleiros e agricultores, os não agricultores não poderão exercer o número de 10% do total de tripulantes do navio.

Os contratadores receberiam a subvenção de 60 mil réis por indivíduos maior de 14 anos, 55 mil réis os de 10-14 anos e 25 mil aos menores de 2 anos. Inclusive “o contratador obriga-se a fornecer alimentos com gêneros de superior qualidade aos emigrantes, que por conta do governo desembarcaram nessa capital, sendo eles”<sup>5</sup>:

<sup>5</sup> Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. **Contrato celebrado com Caetano Pinto e Irmãos Holtzweissig e Cia. 1872-1885.** Maço 76, caixa 39.

Produtos	Quantidade
Arroz	229g e 524mg
Açúcar Branco	57g e 524mg
Café	28g e 69mg
Carne Verde	459g e 5mg
Toucinho	20g e 69mg
Pão	45g
Vinagre	443ml
Ração	Aos menores de 12 anos

**Tabela 3: Relação da alimentação por Caetano Pinto, destinada aos colonos.**

Nesse contrato celebrado, vieram pessoas das mais variadas faixas etárias e profissões, geralmente trabalhadores urbanos, no mesmo vieram em torno de 174 franceses, sem especificar suas províncias ou cidades, todas vindas no mesmo navio chamado Jeanne e de mesma religião – católica apostólica romana. Sendo a grande maioria direcionada aos municípios de Rio Grande e Pelotas, excluindo alguns indivíduos que se estabeleceram em Porto Alegre. Algumas pessoas vieram sós, outras vieram com sua família, dentre esses núcleos familiares, podemos citar as famílias: Colombo, Colomby, Perrin e Perron. A faixa etária predominante era jovem de 18 a 19 anos, as profissões eram predominantemente urbanas e agrícolas, sendo lavrador a mais recorrente, englobando em torno de 90 pessoas dentre os 174 imigrantes franceses.

Havia no Brasil três tipos de colônias – particulares, provinciais e do governo imperial. No caso Conde d'Eu e D. Isabel <sup>6</sup>, eram colônias imperiais, sendo essas duas unidas, tendo cada uma delas 16 léguas quadradas de superfície, Conde d'Eu dista 11,5 léguas e Dona Isabel 15 léguas, possuindo uma distância de duas horas a cavalo por uma estrada que as ligava de 5 a 6 metros de largura, ambas pertencentes ao município de São João de Montenegro, divididas em linhas e picadas.

“Encontram-se elas situadas junto ao Rio das Antas, um dos afluentes superiores do Rio Taquari, e junto ao estreito caminho que de São João de Montenegro leva aos campos de Vacaria” <sup>7</sup>. Os principais produtos cultivados nessas localidades são o milho, cevada, centeio, aveia e amêndoa, enfim, grãos, pois a elevada altitude facilita a produção dos mesmos.

<sup>6</sup> No norte do Estado do Rio Grande foram fundadas duas colônias em 1875. Devido ao nome da filha de D. Pedro II, herdeira do trono, e de seu consorte, chamou-se respectivamente Dona Isabel e Conde d'Eu. Caído o Império, as duas colônias foram reunidas sob a denominação de Bento Gonçalves, mas tal nome é utilizado para denominar principalmente a primeira colônia, enquanto a outra continua sendo chamada por todos de Conde d'Eu. (COSTA; DE BONI, 1992, p. 45). In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luiz A. **As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu**. Apoio Giovanni Agnelli, 1992. 45 p.

<sup>7</sup> COSTA, Rovílio; DE BONI, Luiz A. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu*. Apoio Giovanni Agnelli, 1992. 14 p.

O governo imperial deliberou em 1871 a abertura das zonas de Conde d'Eu e D. Isabel<sup>8</sup> para início do povoamento, sendo que no ano de 1874 que pôde levar a cabo empresa tão corajosa e por conta do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio a D. Isabel, “vieram 48 franceses assistidos por todos os auxílios. Mas também se retiraram, logo que acabaram as antecipações, e sem que houvessem abatido uma árvore sequer”<sup>9</sup>. Esse trecho relata a vinda dos primeiros imigrantes a essas terras, sabe-se que esses seriam responsáveis por “limpar o local” para estabelecer as famílias, porém assim que chegam logo se vão sem deixar pistas para onde foram. Somente sabe-se que em 1875 houve uma seca na região, que fez com que os colonos perdessem a maioria de seu plantio, isso fez com que muitos fossem embora, principalmente os franceses.

Então com a saída dos franceses da região, em 1876 o governo imperial toma posse do território e aloca 200 italianos no local, onde somente 3 eram franceses. Onde no ano subsequente em 1877 já havia no local 1.929 colonos, dos quais – 1.302 eram italianos, 505 tirolezes, 12 franceses e 10 brasileiros. E dentro do tempo de 5 anos, a população que era de 1.929 em 1877, vai para 4 mil habitantes 1882. Sendo dividida em 15 linhas, onde foram gastos em torno de 3.600 contos de réis na formação da colônia.

A colônia de Conde d'Eu, atual Garibaldi, situa-se a norte e oeste pela colônia de D. Isabel, e ao sul pela colônia particular de Teutônia, com uma área calculada em 1877 de 46.754,40 hec, dos quais 5.352 são por colonizar. A colônia era dividida em 13 distritos, onde havia 5 mil italianos, 100 franceses e 400 tirolezes espalhados entre elas. O principal produto cultivado, devido às altas altitudes era o milho e a uva.

Produção em sacos (Kg) em 1976						
Milho	Feijão	Batata	Trigo	Cânhamo	Linho	Arroz
300	15	25	50	12	25	30

**Tabela 4: Produção de produtos agrícolas, em sacos, em 1976, nas colônias de D. Isabel e Conde d'Eu.**

De 1875 a 1877 Cartier fora diretor da colônia de Conde d'Eu, possuindo descendência francesa, onde ele contabilizara o número de franceses que habitavam as localidades da colônia no geral, sendo essas:

<sup>8</sup> D. Isabel foi fundada como colônia em 1870 e freguesia em 1874 respectivamente.

<sup>9</sup> COSTA, Rovílio; DE BONI, Luiz A. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu*. Apoio Giovanni Agnelli, 1992. 14 p.

**Colônia de Conde d'Eu em dezembro de 1883**

Local	Número de franceses
Linha Estrada Geral	191
Sede da Colônia	3
Linha Alencar Araripe	4
Linha Azevedo	04
Linha Santa Clara	22
Linha Figueira de Melo	01

**Tabela 5: Número de franceses nas linhas de Conde d'Eu (1883)**

A cidade de Brouchier<sup>10</sup> juntamente de Maratá<sup>11</sup> fora emancipada em 1989 do município de Montenegro e Maratá em 1987. Em relação à Brochier, o núcleo de povoamento colonial vem a surgir devido após o ano de 1832, quando chegavam da Europa os irmãos João Honório e August Brouchier, sendo um deles mecânico e o outro ourives, que no início pretendiam se estabelecer em Montenegro, mas as terras haviam sido vendidas, então adentraram 25 km adentro da mata. “Logo em 1857, seguiu-lhe a fundação do núcleo Brochier pelos irmãos desse nome oriundos de Marselha, núcleo hoje conhecido por linha dos francezes ou França” (PELLANDA, 1925: 112).

Antônio Eduardo Brochier era filho legítimo de Paul Brouchier e D. Maria Brouchier, ambos falecidos. 46 anos de idade. Casado com D. Virgília Boudidon – Natural de Laval de Waroca (?). Departamento de Retz, França – Veio para o Brasil em 1953, e como colono foi estabelecer-se no Maratá. Onde tem vivido de agricultura, sendo hoje proprietários de uma colônia e estabelecimento de agricultura. Declaração de 20 de abril de 1861 (pág. 68) – Na página 68 e 68v registrou sua carta de naturalização assinada pelo Presidente da Província de São Pedro do RS, Conselheiro Jerônimo Antão Fernandes Leão, em 19 de julho de 1861.

A localidade hoje conhecida como Pinheiro Machado que liga Brochier a cidade de Poço das Antas - emancipada em 1888 de Montenegro era conhecida como linha dos franceses, ou como era dito pelos alemães da região *frechreich* ou terra francesa. E é justamente nessa linha onde se localiza os disitritos de Paris Alto e Paris Baixo. Nessa localidade teve-se o convívio de vários povos oriundos de locais diferentes.

Durante 20 anos viveram em harmonia com os bugres da região, passando a vender suas terras aos colonos alemães em 1956, sendo que a maioria era proveniente de colônias

<sup>10</sup> Formação Administrativa: Elevado à categoria de município com a denominação de Brochier, pela lei estadual nº 8556, de 11-04-1988, desmembrado de Montenegro. Sede no antigo distrito de Brochier. Constituído de 2 distritos: Brochier e Maratá. Instalado em 01-01-1989.

<sup>11</sup> O nome Maratá tem sua origem no arroio de mesmo nome, que desagua no Caí. Em 1850 começaram a se estabelecer na localidade grupos germânicos da região de São Leopoldo.



antigas aos arredores. Os irmãos foram responsáveis pela derrubada da mata virgem e a transformação da mesma em produtivas plantações.

Através da documentação presente até o momento no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, sobre a imigração francesa que ocorreu no RS, nos anos entre 1875-1880. Pôde-se realizar esse presente estudo, pois há poucas obras publicadas e trabalhos científicos sobre esse assunto.

Hoje, sabe-se que realmente não apenas alemães, italianos e poloneses migraram para o Brasil através de uma política colonizatória, mas indivíduos de nacionalidade francesa também. Embora se saiba pouco de seu legado no RS e as regiões que se estabeleceram, há apenas alguns resquícios fragmentados sobre o assunto. Mas, dentre essas peças que puderam ser unidas, encontrou-se várias políticas de colonização referente a esses imigrantes, não apenas de cunho estatal, mas privado também, como foi o caso da empresa de Caetano Pinto, outras fontes de imigrantes franceses que vieram ao sul do Brasil, também foram encontradas, mas em virtude do recorte desse presente estudo, elas foram deixadas para serem trabalhadas em outro momento.

Sobre essas imigrações que ocorreram antes do período abordado no artigo, sua grande maioria se deu de forma voluntária, principalmente na década de 1850, onde o Império valorizava esse tipo de imigração, visto que o mesmo não queria mais obter gastos com a vinda de colonos ao Brasil.

Neste recorte, foram abordados alguns municípios que tiveram influência francesa, ou em sua formação, colonizado por franceses. Mas, como no caso do município de Brouchier e Dona Izabel, devido a sua posteridade ter sido colonizada ou suas terras compradas por outras nacionalidade, a inicial cultura francesa que havia no local, acabou por ir se desfazendo, não chegando a atingir ou fazer parte da identidade local dos moradores desses municípios hoje, inclusive muitos nem sabem de sua gênese.

Portanto, essa esfera da imigração ainda tem muito a ser estudada e trabalhada, pois a união dessa documentação se torna, assaz necessária e importante, para que se demonstre que, no RS houve um panteão de nacionalidades convivendo umas com as outras.

## Referências

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. *Registro dos colonos ao contrato celebrado com Cetano Pinto e Irmãos Holtzweissig e Cia.* 1872-1885.
- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. *Contrato celebrado com Caetano Pinto e Irmãos Holtzweissig e Cia.* 1872-1885. Maço 76, caixa 39
- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. *Termos e Juramento de Estrangeiros Naturalizados.* 1871 – 1885.



- SPALDING, Walter. Naturalizações de 1883 a 1864 em Porto Alegre. *Revista do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 137, 2002.
- PELLANDA, Ernesto. *A colonização germânica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.
- BEUX, Armindo. *Os Franceses no RS*. Porto Alegre: A nação. Sem data.
- Relatório do Presidente de Província: Jacintho de Mendonça*. Porto Alegre: Typographia do Mercantil, 1877. Datilografado.
- Relatório do Presidente de Província: João Pedro Carvalho de Moraes*. Porto Alegre: Typographia Rio-Grandense, 1873. Datilografado.
- Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Regional, v.5.1956-1958.
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã no RS*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- COSTA, Rovílio; DE BONI, Luiz A. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu*. Porto Alegre, RS: Escola Superior de Teologia, 1992.